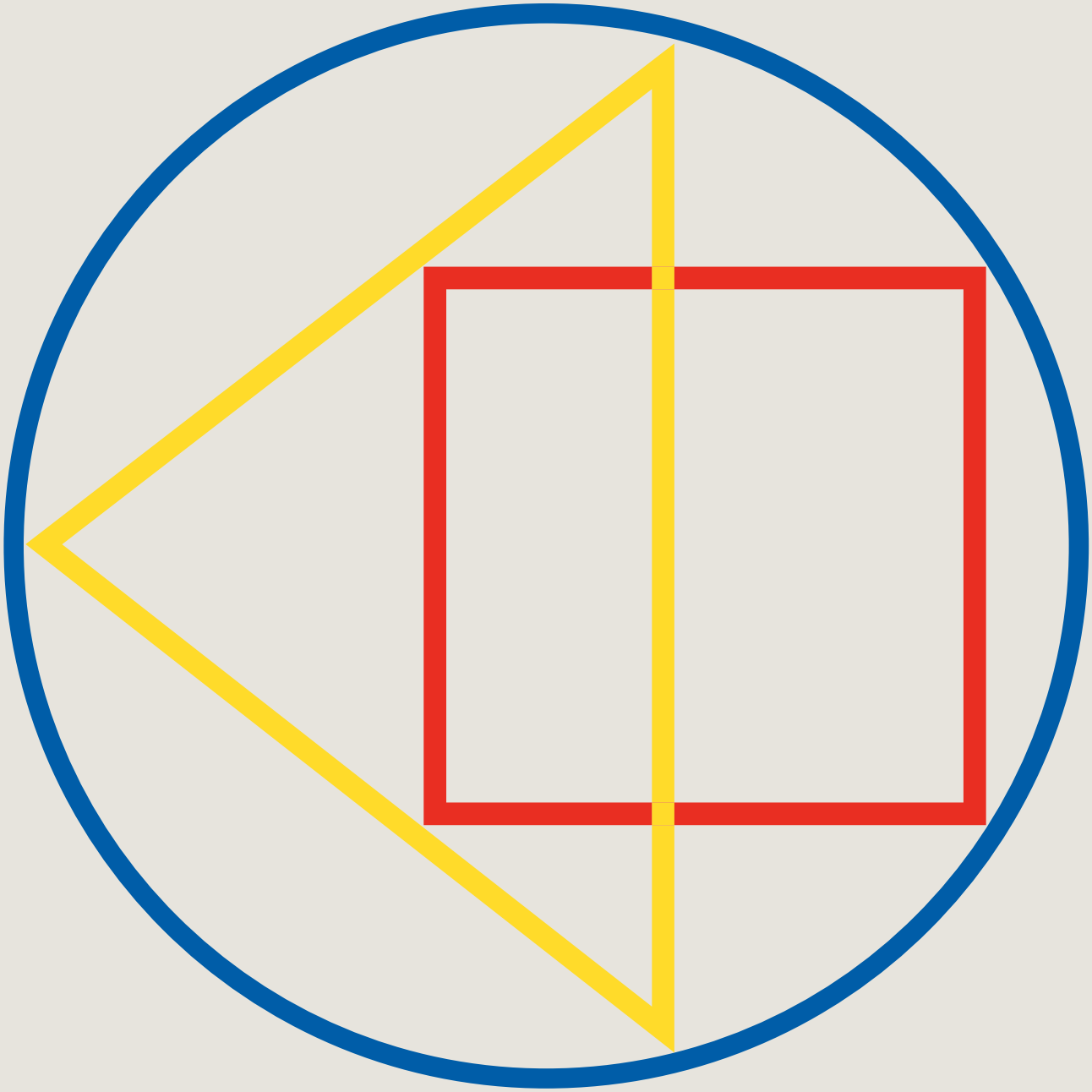
o abc da bauhaus



www.ggili.com.br

GG

ellen lupton e
j. abbott miller (orgs.)

a bauhaus e a teoria do design

www.ggili.com.br

O ABC da bauhaus

A BAUHAUS E A TEORIA DO DESIGN

Ellen Lupton e J. Abbott Miller (orgs.)

Tradução de Maria Luisa De Abreu Lima Paz

www.ggili.com.br

GG

SUMÁRIO

7 **Prefácio da nova edição**

Ellen Lupton e J. Abbott Miller

8 **O ABC do ▲■●:**
a Bauhaus e a teoria do design

Ellen Lupton e J. Abbott Miller

10 **Escola elementar**

J. Abbott Miller

28 **Dicionário visual**

Ellen Lupton

40 **O nascimento de Weimar**

Tori Egherman

44 **Tipo Universal de Herbert Bayer**
em seus contextos históricos

Mike Mills

52 **Apêndice: o gênero do Universal**

Mike Mills

56 **▲■●: um teste psicológico**

59 **▲ e ● em relação a ■: psicanálise e geometria**

Julia Reinhard Lupton e Kenneth Reinhard

62 **Design em N dimensões**

Alan Wolf

66 **Para além do ▲■●: geometria fractal**

Alan Wolf

www.ggili.com.br

www.ggili.com

Prefácio da nova edição

Ellen Lupton e J. Abbott Miller

O nome *Bauhaus* tornou-se símbolo de um momento áureo de pensamento unificado em torno das formas, dos materiais e das ambições sociais do design moderno. Fundada em Weimar, na Alemanha, em 1919 e abolida pelos nazistas em Berlim em 1933, a escola Bauhaus era um local de encontro das artes e das ideias, conflituoso e em constante mudança. O mito *Bauhaus* traduz uma ânsia pela funcionalidade e um desejo de libertar o mundo por meio de uma linguagem de design universal. Na realidade, a Bauhaus era um lugar desordenado e instável. Na Bauhaus, as ideias repercutiam, confrontavam-se e disputavam a dominância. Este livro aborda algumas dessas ideias centrais – de onde vinham, como se cristalizavam e como, quase um século depois, continuam a reverberar na cultura popular.

Este livro é sobre teoria. Uma *teoria* é um princípio que procura explicar fenômenos diversos, um conceito sucinto capaz de lançar alguma luz sobre inúmeras situações. Durante as décadas de 1910 e 1920, artistas e arquitetos de toda a Europa usaram o poder de abstração da teoria para abalar as práticas convencionais em relação à arte, à publicidade e ao texto. Os carismáticos líderes do futurismo, do dadaísmo, do construtivismo e do De Stijl inflamavam a imprensa com seus manifestos e palestras. Muitas das figuras mais influentes da vanguarda da época participaram da Bauhaus como professores, alunos, visitantes ou questionadores. Os livros publicados pela Bauhaus formaram um corpus teórico que até hoje continua sendo desvendado por designers, arquitetos e educadores.

Uma das teorias mais influentes propagada na Bauhaus era a noção de que o design bidimensional é uma linguagem estruturada por leis universais da geometria e da percepção. Esse conceito, que ganhou forma nos textos publicados por Paul Klee, Wassily Kandinsky e László Moholy-Nagy durante o período em que passaram pela escola, foi elaborado por inúmeros designers e educadores no período pós-guerra. A teoria da linguagem visual era a base dos exercícios concebidos para treinar o olhar e a mente dos alunos nas leis da abstração. A teoria invadiu também a prática, inspirando o design de livros, cartazes, produtos, estampas e fontes tipográficas, que transmitiam o caráter didático e o envolvimento óptico dos exercícios realizados em classe. As pedagogias da Bauhaus originaram-se, em parte, de uma revolução educacional anterior: o movimento do jardim da infância, fundado por Friedrich Froebel no século XIX, na Alemanha. Froebel queria educar as crianças pequenas com uma rotina de exercícios manuais com formas geométricas puras, baseados em ofícios.

Quando *O ABC do* ▲■● foi publicado pela primeira vez, em 1991, uma nova escrita crítica sobre design e tipografia estava ganhando forma. Em todo o mundo, designers lutavam contra os limites do pensamento modernista, ao mesmo tempo em que celebravam seu otimismo e clareza estrutural. Universitários no início da década de 1980, nós estudávamos arte e design na Cooper Union e entre nossos professores estavam o modernista tcheco George Sadek e o artista político alemão Hans Haacke. Na época em que escrevemos este livro, aspirávamos nos tornar estudantes de história da arte no CUNY Graduate Center (Centro de Estudos de Pós-Graduação da City University of New York), onde trabalhávamos com Rosalind Krauss, a lendária crítica de arte moderna, e Rosemarie Haag Bletter, a pioneira historiadora de arquitetura e design. Tínhamos a mente impregnada com as regras de hierarquia tipográfica, o imperativo da crítica institucional e a história conflituosa da vanguarda. Este livro, que acompanhou uma exposição no Centro Herb Lubalin de Estudos de Design e Tipografia da Cooper Union, é uma tentativa ambiciosa de unir

a escrita crítica a um layout de página fluido e autorreferente. Nestas páginas, a crítica de design encontra a tipografia introspectiva. O ano de 1991 foi o alvorecer do design digital. Usamos um híbrido de técnicas digitais e manuais para produzir este livro, compondo as galés de tipos em um sistema de composição digital Compugraphic e construindo o layout das páginas à mão com cera quente, camadas de filme rubi e acetato, e dezenas de lâminas de estilete. O esforço físico e mental incorporado neste livro expressa nosso constante fascínio pela história do modernismo e nosso desejo de suscitar ideias críticas sobre design gráfico.

Julho de 2018

www.ggili.com.br

O ABC do ▲■●:
a Bauhaus e a teoria do design

Ellen Lupton e J. Abbott Miller

Em 1923 Kandinsky sugeriu haver uma correspondência universal entre as três formas elementares e as três cores primárias: o dinâmico triângulo seria inerentemente amarelo; o quadrado, estático, intrinsecamente vermelho; e o sereno círculo, naturalmente azul. Hoje, a equação ▲■● perdeu o apelo da universalidade, atuando como um signo flutuante capaz de assumir diversos significados. Entre eles, o de evocar a lembrança da Bauhaus.

A Bauhaus tornou-se a origem mítica do modernismo, um local alternadamente reverenciado e atacado pelas gerações que cresceram à sua sombra. A Bauhaus é, a um só tempo, o pai restritivo cujas regras ansiamos por revogar e a criança inocente cujo idealismo utópico nos inunda com uma agradável nostalgia. Os ensaios reunidos nesta monografia compartilham uma ambivalência em relação ao modernismo. Nosso espanto com seus esforços para renovar o potencial formal e social do design é mitigado pela sensação de que algumas direções fecundas foram oferecidas, mas não seguidas, e de que muitas ideias de vanguarda foram neutralizadas pela cultura corporativa a que vieram a servir: as formas e cores do ▲■● tornaram-se material de logotipos corporativos.

A Bauhaus não era uma instituição monolítica: como qualquer escola, era uma coalizão inconstante e muitas vezes divisionista em que os estudantes, o corpo docente e os administradores interagiam com a comunidade frequentemente hostil do lado de fora. Esta monografia não pretende explicar a complexa história da Bauhaus, que já foi fartamente narrada em outros lugares; nosso foco de interesse é a Bauhaus e a *teoria do design*.

Pensar no design de forma teórica e consciente foi uma das principais contribuições da Bauhaus e, ainda assim, o foco da escola na visão enquanto um campo de expressão autônomo ajudou a engendrar a hostilidade em relação à linguagem verbal que se tornou comum no ensino do design após a Segunda Guerra Mundial. Acreditamos que uma renovação da teoria do design poderia revigorar a comunidade dos designers gráficos incentivando o pensamento crítico quanto aos meios e fins do nosso trabalho. Esta monografia examina o ▲■● a partir de vários pontos de vista: De onde veio o fascínio por essas formas? Que técnicas e ideologias elas ajudaram a articular? Em que outros modelos teóricos os designers poderiam se basear?

1918
Termina a Primeira Guerra Mundial com a assinatura do Tratado de Versalhes. A Alemanha é derrotada; é fundada a República de Weimar.

1919
A Bauhaus se estabelece na cidade de Weimar. O arquiteto Walter Gropius é o diretor da escola.

1920
É implantado o Curso Básico, tendo o pintor Johannes Itten como mestre. Todos os alunos ingressantes fazem esse curso, que aborda os princípios do design e a natureza dos materiais.
A influência de Itten pode ser vista no expressionismo que domina a tipografia da Bauhaus.

1923
Pressionado por Gropius, Itten pede demissão. László Moholy-Nagy torna-se diretor do Curso Básico, que é ministrado também por Wassily Kandinsky, Paul Klee e Joseph Albers.
O *De Stijl* e o construtivismo começam a influenciar a tipografia da Bauhaus.

1925
Após perder o apoio do governo de Weimar, a Bauhaus muda-se para Dessau, uma cidade industrial perto de Berlim.
Os ex-alunos Herbert Bayer e Joost Schmidt juntam-se ao corpo docente. É instituído um curso de Tipografia e Arte Publicitária, ministrado por Bayer como parte da Oficina de Impressão.

1928
Gropius deixa a Bauhaus e o arquiteto Hannes Meyer torna-se o diretor, promovendo na escola um funcionalismo mais dogmático. Bayer e Moholy-Nagy saem; Albers assume o Curso Básico, e Joost Schmidt, a Oficina de Impressão.

No ensaio de abertura, “Escola elementar”, J. Abbott Miller revela precedentes da teoria modernista do design no movimento do jardim da infância do século XIX, que, como a Bauhaus, decompunha a experiência visual em elementos simples e repetitivos como ▲, ■ e ●. O “Dicionário visual” de Ellen Lupton examina algumas estratégias formais do design da Bauhaus quanto ao ideal de uma “linguagem” universal da visão, uma escrita autônoma livre das limitações culturais da escrita alfabética – ideal resumido na frase ▲■● de Kandinsky. Um ensaio de Mike Mills descreve a trajetória histórica da tipografia geométrica desenhada em 1925 por Herbert Bayer, denominada “universal”, desde suas origens vanguardistas até sua incorporação pela cultura de massa. Julia Reinhard Lupton e Kenneth Reinhard são teóricos literários que contribuíram com um ensaio sobre a posição do ▲, ■ e ● na psicanálise. O físico Alan Wolf nos convida a imaginar como seria viver em um espaço com mais ou com menos de três dimensões, e a levar em consideração a estrutura fractal do mundo natural. O ensaio de Tori Egherman, “O nascimento de Weimar”, descreve o tenso ambiente político e econômico no qual atuava a Bauhaus.

Esta monografia foi publicada juntamente com uma exposição chamada *O ABC do ▲■●: a Bauhaus e a teoria do design, da pré-escola ao pós-modernismo*. Com “pós-modernismo”, fazemos referência à cultura que absorveu as lições da Bauhaus, esvaziando suas formas das aspirações vanguardistas e revestindo-as de outras. Conquanto a frase visual▲■● outrora incorporasse a possibilidade de um escrito universal, ela reaparece em elementos gráficos, utensílios domésticos, embalagens e artigos de moda contemporâneos como um signo transitório, ostentando mensagens tão diversas quanto “originalidade”, “tecnologia”, “design”, “básico”, “modernismo” e até “pós-modernismo”.

Acreditamos que, embora muitas estratégias do design modernista continuem convincentes, elas devem ser retomadas de modo a levar em conta a capacidade que a cultura tem de reescrever continuamente o significado da forma visual. A linguagem da visão não é autoexplicativa nem autossuficiente, atuando em um campo mais amplo de valores sociais e linguísticos. Para dominar esse campo mais amplo, nós, designers, precisamos começar a ler e escrever sobre as relações da forma visual com a linguagem, a história e a cultura.

1930
O arquiteto Mies van der Rohe torna-se diretor da Bauhaus. Klee deixa a escola em 1931; Albers e Kandinsky permanecem até o fim.

1932
A Bauhaus de Dessau é dissolvida pelo governo local. Mies transfere a escola para Berlim, onde funciona por um breve período, em escala bem menor.

1933
A Bauhaus de Berlim fecha as portas. Durante a década de 1930, vários alunos e professores da Bauhaus emigram para os Estados Unidos, entre eles Gropius, Mies, Bayer, Moholy-Nagy e Albers, que seguem carreiras influentes como educadores e profissionais.

1937
Um grupo de industriais de Chicago funda uma escola de design e contrata Moholy-Nagy como diretor. Chamada de Nova Bauhaus, mais tarde a escola é renomeada Escola de Design e, depois, Instituto de Design. György Kepes ensina fotografia e design gráfico, recorrendo à psicologia da Gestalt.

1938
O MoMA realiza a exposição *Bauhaus 1919-1928*, organizada por Herbert Bayer e por Walter e Ise Gropius. A mostra contribui para a fama da Bauhaus nos Estados Unidos.

1945
A revista *Print* publica um artigo que prenuncia o impacto da Bauhaus no futuro do ensino norte-americano de design: “Devemos à Bauhaus uma nova filosofia do design...”

www.lpm.com.br